

Editorial V. 19, N. 47

Bárbara Venturini Ábile

Doutora, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5391-4728> | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0425842724235734>

Flávia Virgínia Santos Teixeira Lana

Doutora, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9269-6153> | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1112017610768016>

Luciana Nacif

Doutora, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8289-3345> | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4177021252426683>

EDIÇÃO DOSSIÊ – JANEIRO | 2026

Tecnomoda: As técnicas que tecem e são tecidas pela moda

Pensar a moda exige, antes de tudo, considerar as condições que tornam possível o surgimento de sua própria matéria. Antes do tecido, da imagem e mesmo do corpo vestido, há um conjunto de operações que organiza as relações entre forma e linguagem, intenção e realização, imaginação e mundo. Tudo o que se apresenta nasce de um regime operacional que antecede e atravessa o visível, produzindo seus modos de produção, aparição e consumo.

Essas operações não são neutras, pois se inscrevem no tempo por meio de escolhas, percepções, maneiras de existir, expectativas corporais e sistemas de valor. Cada forma carrega, de algum modo, os rastros desse campo invisível que a precede. E é nesse plano prévio, onde técnica e ideia ainda não se separaram completamente, que reside um problema central: compreender que toda criação mobiliza uma lógica própria, uma inteligência do fazer, uma estrutura que media a passagem do possível ao concreto.

Reconhecer esse plano no qual a criação se ancora significa admitir que a técnica não atua apenas como meio, mas como operadora de mundos possíveis. Por isso, toda técnica é também um exercício de poder — um conjunto de forças que orienta modos de ser, sentir, julgar e valorar. Esse poder se exerce justamente quando o fazer se confunde com o imaginar, e quando a escolha de uma solução formal já indica uma tomada de posição no campo estético, político e social da moda.

Pensar sobre as técnicas que mobilizamos e que nos mobilizam é, portanto, reconhecer que elas não apenas tecem a moda, mas são continuamente tecidas por ela, numa dinâmica recíproca que define corpos, práticas, imagens e subjetivações. Nesse entrelaçamento, a técnica deixa de ser

um simples instrumento e se revela como matriz ativa daquilo que a moda pode fazer emergir no mundo.

Na Grécia Antiga, o termo *téchnē* designava o princípio que articula conhecimento, ação e forma – um modo de instaurar o real por meio de operações que conferem à matéria direção, sentido e figura. Para além de instrumento, ferramenta ou método, a técnica se revela como aquilo que estrutura o ato de produzir, orientando o percurso entre o indeterminado e o configurado. A *téchnē* é, assim, a lógica que permite a uma ideia estabilizar-se como forma e a uma forma devolver ao mundo um novo modo de existir.

Ao lançar esse conceito sobre a moda, percebe-se seu alcance. A técnica não se reduz aos meios de execução – corte, costura, modelagem, ensaio, distribuição –, mas tampouco pode ser pensada apartada deles. É por meio dela que se descreve um modo de operação sistemático, o qual produz a relação entre corpo e vestimenta, articulando práticas materiais e estruturas simbólicas que organizam tanto o fazer quanto o valor atribuído ao que é feito.

A técnica delimita repertórios e legitima certos capitais culturais, estabiliza expectativas estéticas ligadas a padrões e institui modos de pertencimento. Ela atravessa as ecologias do vestir, informando escolhas de matéria, ritmos de trabalho, modos de descarte e perspectivas de sustentabilidade; ao mesmo tempo, incide sobre o campo político, condicionando quem pode aparecer, como pode aparecer e quais corpos são atendidos ou relegados pelas formas disponíveis. Assim, cada técnica mobilizada – seja na criação artesanal, na escala industrial ou nas tecnologias digitais emergentes – carrega consigo uma visão de mundo e produz efeitos sociais, econômicos e subjetivos que ultrapassam o âmbito estrito do fazer da moda.

Colocar a técnica em questão é, portanto, interrogar o próprio campo da moda. Ela faz existir a peça, mas também o sujeito que a veste. Atua como uma gramática do fazer, constituindo-se como condição do visível e operador político que define o que pode ser criado, legitimado, desejado ou

descartado. Estabiliza padrões e expectativas, mas também abre brechas para invenção e ruptura. Não apenas tece a roupa, mas inscreve no corpo maneiras de ser e estar no mundo.

É sob esse horizonte expandido que se inscreve o dossiê Tecnomoda: as técnicas que tecem e são tecidas pela moda. Os artigos aqui reunidos investigam a técnica como gesto, prática social, operação crítica, dispositivo de subjetivação e campo de disputa no âmbito da comunicação e inovação. Com a intenção de contribuir para a reflexão sobre a moda pela chave da técnica, e considerando a pluralidade de campos que atravessam o fazer e o pensar do vestir, este volume apresenta seis artigos que examinam, sob diferentes ângulos, como as técnicas tecem a moda e, simultaneamente, são por ela transformadas.

Em “Afrofabulações da elegância: das tecnologias da negritude às técnicas do dandismo”, Angélica Adverse parte das concepções de tecnologia da negritude e das sutilezas técnicas do dandismo para realizar uma análise aprofundada da elegância masculina negra. O conceito de afrofabulação e a interdisciplinaridade aparecem como instrumento e estratégia da autora para refletir sobre o uso de certos artefatos e artifícios técnicos, o que será basilar para compreender a construção identitária do homem negro elegante. Para isso, a exposição divide-se em seções dedicadas à exploração do gesto e das técnicas corporais, bem como aos processos de recepção, transmissão e transgressão histórica do dandismo.

Em “Costureiras de bairro e a vida multicostura”, Eliza Dias Möller e Elisabeth Murilho Silva levam em conta as diversas e generalizadas técnicas de costura, das mais legitimadas às menos reconhecidas, e defendem a existência de um mundo dominado por uma monocostura industrial. Nesse espaço de homogeneidade técnica, as autoras identificam a multicostura como uma contracorrente. Representada pelas “costureiras de bairro”, que mobilizam múltiplas técnicas de costura de maneira simultânea, a proposta é resgatar outros modos de costura que se distanciam da separação rígida e linear

observada em alguns setores da indústria da moda, como a alta-costura, o *prêt-à-porter* e o *fast fashion*.

O terceiro artigo propõe repensar as construções de identidade e de peças de roupa para criar uma coleção de moda. Em “Das técnicas de costura às técnicas de si: inventando moda com Michel Foucault”, Marcelino Gomes dos Santos, Durval Muniz de Albuquerque Junior e Aline Gabriel Freire elaboram modelos que dialogam com conceitos centrais da obra do filósofo, como poder, controle, panoptismo, disciplina, subjetividade, resistência, verdade e parresia. Dessa forma, realizam a tradução dessas ideias em formas, texturas e modelagens, reafirmando o potencial da moda como crítica, expressão e articulação entre teoria, prática e criação.

Abordando uma técnica cada vez mais presente na indústria da moda atual, o artigo seguinte intitula-se “Moda, inteligência artificial e representação: a construção estética e simbólica da campanha *Dreamy Winter Escape* – Farm Rio Global”. Nele, Cristiany Soares dos Santos e Aníbal Alexandre Campos Bonilla promovem o debate sobre o uso da inteligência artificial como ferramenta criativa na moda, tomando como objeto de estudo a campanha *Dreamy Winter Escape*, da marca Farm Rio Global. Ao analisar o uso e a reprodução de certos padrões de gosto, corpos, beleza e elementos de uma suposta brasilidade, os autores destacam a necessidade de estabelecer parâmetros mais claros, bem como limites, para a aplicação dessas técnicas emergentes.

De maneira complementar, o artigo “Da *hashtag* à imagem: uma análise discursiva das *trends* do *TikTok* em imagens geradas por IA”, de autoria de Laís Fidelis Gonçalves, Sarah Suyama Aniceto, Suzana Helena de Avelar Gomes e Cláudia Regina Garcia Vicentini, também investiga o uso da inteligência artificial generativa (IAG). A partir de *hashtags* específicas, as autoras demonstram que essas ferramentas interpretam, reproduzem e ressignificam padrões de feminilidade. Como consequência, observa-se que certos parâmetros de beleza são reforçados, sugerindo que as bases de dados dessas IAGs são restritas, pelo menos no que se

refere à pluralidade das representações femininas.

Por fim, em “Modelagem modular e inovação em moda: otimização de recursos e modificações por meio da experimentação”, Jean Cleiton Garcia, Ieda Nunes Corrêa, Patrícia de Mello Souza e Rosimeiri Naomi Nagamap buscam explorar técnicas aplicáveis à construção de peças modulares, intercambiáveis e articuláveis entre si. Estabelecendo diálogo com a problemática da sustentabilidade e do design responsável, e fundamentando-se em projetos de Nanni Strada e Issey Miyake, a pesquisa-ação documenta detalhadamente a concepção, execução e finalização de uma peça têxtil, contribuindo para a promoção de inovações estéticas, produtivas e técnicas.

As contribuições deste Dossiê revelam paradigmas sociais, estéticos, subjetivos, econômicos, comunicacionais e políticos inscritos nas diversas técnicas de criação, produção, circulação e uso da moda, tanto por parte de quem a cria quanto de quem a consome. Assim, os artigos nos levam a problematizar como certas técnicas: participam da constituição de sujeitos e seus comportamentos (como no caso do dândi ou no uso de peças que incorporam conceitos foucaultianos); questionam parâmetros estabelecidos (seja através da multicostura ou de modelagem modular); e permitem a absorção, muitas vezes acrítica, de novos recursos e ferramentas (como a inteligência artificial). Pensar a técnica mostra-se, portanto, um passo fundamental para interpretar uma indústria tão complexa, global, deslocalizada, multipolar e competitiva como a da moda. Convidamos as leitoras e os leitores a dar esse passo conosco.

Boa leitura!

Editorial V. 19, N. 47

Bárbara Venturini Ábile

PhD, State University of Campinas (UNICAMP)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5391-4728> | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0425842724235734>

Flávia Virgínia Santos Teixeira Lana

PhD, Federal University of Minas Gerais (UFMG)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9269-6153> | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1112017610768016>

Luciana Nacif

PhD, Federal University of Minas Gerais (UFMG)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8289-3345> | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4177021252426683>

DOSSIER EDITION – JANUARY | 2026**Technofashion: the techniques that weave and are woven by fashion**

Thinking about fashion requires, above all, considering the conditions that make the emergence of its very material possible. Before the fabric, the image, and even the dressed body, there is a set of operations that organizes the relations between form and language, intention and realization, imagination and world. Everything that presents itself is born from an operational regime that precedes and permeates the visible, producing its modes of production, appearance, and consumption.

These operations are not neutral, as they inscribe themselves in time through choices, perceptions, ways of existing, bodily expectations, and value systems. Each form carries, in some way, the traces of this invisible field that precedes it. And it is in this preliminary plane, where technique and idea have not yet completely separated, that a central problem resides: understanding that every creation mobilizes its own logic—an intelligence of making, a structure that mediates the passage from the possible to the concrete.

Recognizing this plane on which creation is anchored means admitting that technique does not act merely as a means, but as an operator of possible worlds. For this reason, every technique is also an exercise of power — a set of forces that shapes ways of being, feeling, judging, and valuing. This power is exercised precisely when the doing becomes confused with imagining, and when the choice of a formal solution already signals a position within the aesthetic, political, and social field of fashion.

Thinking about the techniques we mobilize and that mobilize us therefore means recognizing that they not only weave fashion, but are continuously woven by it, in a reciprocal dynamic that defines bodies, practices, images, and subjectivations. In this interlacing, technique ceases to

be a mere instrument and reveals itself as an active matrix of what fashion can bring forth in the world.

In Ancient Greece, the term *téchnē* designated the principle that articulates knowledge, action, and form—a way of instituting the real through operations that confer direction, meaning, and shape to matter. Beyond instrument, tool, or method, technique reveals itself as that which structures the act of producing, guiding the path between the undetermined and the configured. *Téchnē* is thus the logic that allows an idea to stabilize as form and a form to return to the world with a new way of existing.

When this concept is brought into fashion, its scope becomes clear. Technique is not reduced to means of execution—cutting, sewing, patternmaking, fitting, distribution—yet it cannot be thought apart from them. Through technique, a systematic mode of operation is described, one that produces the relation between body and garment, articulating material practices and symbolic structures that organize both the making and the value attributed to what is made.

Technique delimits repertoires and legitimizes certain cultural capitals, stabilizes aesthetic expectations tied to standards, and establishes modes of belonging. It permeates the ecologies of dressing, informing choices of material, work rhythms, disposal methods, and sustainability perspectives; at the same time, it impacts the political field by conditioning who can appear, how they may appear, and which bodies are served or excluded by the available forms. Thus, each technique mobilized—whether in artisanal creation, industrial scale, or emerging digital technologies—carries a worldview and produces social, economic, and subjective effects that surpass the strict domain of fashion-making.

To put technique into question is, therefore, to interrogate the very field of fashion. Technique brings a piece into existence, but also the subject who wears it. It acts as a grammar of making, constituting itself as a condition of the visible and a political operator that defines what can be created, legitimized, desired, or discarded. It stabilizes

standards and expectations but also opens gaps for invention and rupture. It not only weaves the garment but inscribes in the body ways of being and existing in the world.

It is under this expanded horizon that the dossier *Technofashion*: the techniques that weave and are woven by fashion is situated. The articles gathered here investigate technique as gesture, social practice, critical operation, device of subjectivation, and field of dispute within communication and innovation. With the intention of contributing to reflections on fashion through the lens of technique—and considering the plurality of fields that cross the making and thinking of dress—this volume presents six articles that examine, from different angles, how techniques weave fashion and are simultaneously transformed by it.

In “Afrofabulations of elegance: from the technologies of blackness to the techniques of dandyism”, Angélica Adverse starts from the concepts of technologies of blackness and the technical subtleties of dandyism to carry out an in-depth analysis of Black masculine elegance. The concept of afrofabulation and interdisciplinarity appear as tools and strategies for reflecting on the use of certain technical artifacts and artifices, which will be key to understanding the identity construction of the elegant Black man. To do this, the exposition is divided into sections dedicated to exploring gesture and bodily techniques, as well as the processes of reception, transmission, and historical transgression of dandyism.

In “Home-based seamstresses and the multisewings life”, Eliza Dias Möller and Elisabeth Murilho Silva consider the diverse and widespread sewing techniques—from the most legitimized to the least recognized—and argue for the existence of a world dominated by industrial mono-sewing. In this space of technical homogeneity, the authors identify multi-sewing as a countercurrent. Represented by home-based seamstresses, who mobilize multiple sewing techniques simultaneously, the proposal is to recover other modes of sewing that diverge from the rigid and linear separation observed in some sectors

of the fashion industry, such as haute couture, prêt-à-porter, and fast fashion.

The third article proposes rethinking identity constructions and garment designs to create a fashion collection. In “From sewing techniques to self-techniques: inventing fashion with Michel Foucault”, Marcelino Gomes dos Santos, Durval Muniz de Albuquerque Junior, and Aline Gabriel Freire develop models that dialogue with central concepts in the philosopher’s work, such as power, control, panopticism, discipline, subjectivity, resistance, truth, and parrhesia. They thus translate these ideas into forms, textures, and patternmaking, reaffirming fashion’s potential as critique, expression, and articulation between theory, practice, and creation.

Addressing a technique increasingly present in today’s fashion industry, the following article is titled “Fashion, Artificial Intelligence, and representation: the aesthetic and symbolic construction of the Dreamy Winter Escape – Farm Rio Global campaign”. In it, Cristiany Soares dos Santos and Aníbal Alexandre Campos Bonilla promote a debate on the use of artificial intelligence as a creative tool in fashion, taking the Farm Rio Global campaign as their object of study. By analyzing the use and reproduction of certain patterns of taste, bodies, beauty, and elements of an alleged Brazilianness, the authors highlight the need to establish clearer parameters—as well as limits—for the application of these emerging techniques.

Complementarily, the article “From Hashtag to Image: a discursive analysis of TikTok trends in AI-generated images”, by Laís Fidelis Gonçalves, Sarah Suyama Aniceto, Suzana Helena de Avelar Gomes, and Cláudia Regina Garcia Vicentini, also investigates the use of generative artificial intelligence (GAI). Based on specific hashtags, the authors demonstrate that these tools interpret, reproduce, and re-signify patterns of femininity. As a result, certain beauty standards are reinforced, suggesting that the databases of these GAIs are limited—at least regarding the plurality of feminine representations.

Finally, in “Modular modeling and innovation in

fashion: optimization of resources and modifications through experimentation”, Jean Cleiton Garcia, Ieda Nunes Corrêa, Patrícia de Mello Souza, and Rosimeiri Naomi Nagamap explore techniques applicable to the construction of modular, interchangeable, and articulable garments. Establishing dialogue with the issues of sustainability and responsible design, and drawing on projects by Nanni Strada and Issey Miyake, the action-research documents in detail the conception, execution, and finalization of a textile piece, contributing to the promotion of aesthetic, productive, and technical innovations.

The contributions in this dossier reveal social, aesthetic, subjective, economic, communicational, and political paradigms inscribed in the various techniques of creation, production, circulation, and use of fashion—both by those who create it and those who consume it. Thus, the articles lead us to question how certain techniques: participate in the constitution of subjects and their behaviors (as in the case of the dandy or the use of garments that incorporate Foucauldian concepts); challenge established parameters (whether through multi-sewing or modular patternmaking); and enable the often uncritical absorption of new resources and tools (such as artificial intelligence). Thinking about technique thus appears as a fundamental step toward interpreting an industry as complex, global, delocalized, multipolar, and competitive as fashion. We invite readers to take this step with us.

Enjoy your reading!